

1612

161

v.2

RELATÓRIO PARCIAL

"O QUE SE DEVE SABER SOBRE CRECHE"

2º relatório  
dezembro 1982

Em continuidade ao trabalho realizado em 1981, o desenrolar do projeto neste ano seguiu basicamente duas linhas: em primeiro lugar, as atividades de cunho exploratório continuaram a ser desenvolvidas, dentro do mesmo espírito anterior, com nossa participação em vários eventos e trocas, constituindo-se ao mesmo tempo em prestação de serviços aos diversos grupos interessados e em coleta de informações a respeito de um processo em plena efervescência entre nós. Em segundo lugar, a reflexão sobre os elementos já recolhidos no ano anterior, permitiu o aprofundamento de algumas questões específicas sobre a creche, gerando propostas de pesquisa e ação correspondentes.

A primeira dessas questões é a que se refere ao papel da pajem ou monitora, ou seja, do trabalho profissional daquelas que lidam diretamente com as crianças na creche. O encontro, realizado em 1981, permitiu que se delineassem alguns problemas relativos ao desempenho dessa função: a falta de preparação especializada, as péssimas condições de trabalho, os baixos salários e a ausência de uma caracterização desse tipo de ocupação como uma atividade profissional; a pequena autonomia em relação ao próprio trabalho, a ausência de oportunidade de reciclagem e troca, a supervisão técnica sofrida como uma ação unilateral com a qual a pajem não tem oportunidade de interagir; a deterioração do auto-conceito frente a um discurso técnico que as desqualifica enquanto pessoas, a ambigüidade do papel de quem "substitui" os cuidados maternos junto à criança, entre muitos outros. Na tentativa de iniciar um aprofundamento dessas questões, foi realizado o Encontro de Profissionais de Creches, em conjunto com a Prefeitura de Piracicaba, que reuniu cerca de 30 pajens de diferentes regiões do Estado e de vários tipos de creches, além de técnicos e pesquisadoras. Esse encontro deu origem a um material muito rico [que está sendo analisado pela equipe], recolhido através do video-tape dos 3 dias de trabalho e das transcri-

ções das discussões e depoimentos realizados (veja relatório do encontro no anexo nº 3).

Ao lado da análise e exploração de questões propiciadas pela experiência vivida nessa ocasião, o encontro gerou um outro subprojeto que é a produção de um material impresso e de video-tape que deverá se constituir em instrumento para reuniões e treinamentos com pajens de creches (anexo nº 2). Além disso, por solicitação das técnicas que participaram da organização desse encontro, está sendo preparado um documento que visa subsidiar os organizadores de reuniões desse tipo, com a justificativa da linha de ação adotada, uma indicação das fontes de recursos disponíveis, como bibliografia, filmes, grupos e especialistas de várias áreas (veja-se projeto em anexo nº 5.1.).

A segunda questão que está sendo sistematizada, a partir do Encontro de Creches realizado em 1981, é a que se refere aos aspectos legais e institucionais do atendimento da crianças de 0 a 6 anos no país. Com intuito de se produzir um documento para agentes envolvidos na organização e operação de creches, busca-se organizar um mapeamento da complexa trama de agências e instituições, oficiais e não oficiais, que legislam, regulamentam, financiam, fiscalizam e atuam de alguma forma na área de creches. Esse levantamento, que está sendo realizado, deverá ser completado pelo acompanhamento de um processo de organização, credenciamento e obtenção de apoio técnico e financeiro por parte de um grupo comunitário que esteja tentando formar uma creche. As informações obtidas por estas duas vias deverão subsidiar a preparação de um documento dirigido ao público não especializado, que instrumenta grupos de ação na sua luta pela organização ou reivindicação por creches. Esse trabalho, já previsto no relatório anterior, sofreu um certo adiamento, tendo em vista o envolvimento da equipe na organização, realização e análise do material referente ao encontro de pajens (veja-se projeto e relatório parcial no anexo nº 5.3.).

Por outro lado, a preparação do jornal da creche, envolveu um trabalho editorial de resumo e organização do material produzido no Encontro de Creches de 1981, que demandou um grande esforço da equipe, tendo se estendido por um período maior do que o previsto. Acreditamos que o cuidado na preparação dessa publicação foi proveitoso, resultando em documento de grande interesse e utilidade (veja-se relatório no anexo nº 2).

Resumindo, para os próximos meses estão previstas as atividades referentes aos seguintes subprojetos:

- Eu sou pajem: preparação de material impresso e edição de um video-tape a partir do encontro de pajens;
- organização de uma publicação sobre legislação e regulamentação na área de creches;
- preparação de um documento para técnicas, referentes à organização de encontros para pajens.

É nossa intenção, também, escrever alguns textos analíticos sobre o trabalho realizado, que deverão ser divulgados em publicações especializadas.

## ANEXOS

Anexo nº 1 — Bibliografia: "Educação da Criança de 0 a 6 anos de idade"

Anexo nº 2 — Jornal da Creche

Anexo nº 3 — Encontro dos Profissionais de creche (Piracicaba)

Anexo nº 4 — Participação em assessorias, palestras, reuniões, encontros e seminários solicitados ou organizados por outras instituições

Anexo nº 5 — Materiais que estão sendo produzidos:

5.1 — Folhetos aos técnicos

5.2 — VT "Eu sou pajem"

5.3 — Folheto sobre legislação e regulamentação

ANEXO Nº 1

BIBLIOGRAFIA: "EDUCAÇÃO DA CRIANÇA DE 0 A 6 ANOS DE IDADE"

Bibliografia — "Educação da criança de 0 a 6 anos de idade."

Como havia sido previsto no último relatório, a Bibliografia sobre Educação da Criança de 0 a 6 anos de idade, preparada para o Encontro Nacional de Creches, foi publicada pela série B&D Notícias\* (vol.1, nº 4, out./nov. de 1981).

Para adequar-se às necessidades do projeto de creches, o nº 4 do B&D Notícias teve a tiragem aumentada (400 exemplares), o que permitiu sua distribuição também entre instituições e pessoas interessadas em creche, inclusive os participantes do Encontro Nacional.

Financeiramente, o projeto de creches arcou além dos custos com a organização e preparação do material, apenas com os custos relativos ao aumento da tiragem e à distribuição junto a seu público específico.

A receptividade que a Bibliografia encontrou foi bastante boa, pois além de não existir similar em língua portuguesa, as referências bibliográficas que contém estão efetivamente disponíveis.

---

\* Publicação do Setor de Biblioteca e Documentação da Fundação Carlos Chagas.

ANEXO Nº 2

RELATÓRIO TÉCNICO SOBRE EDIÇÃO DO

JORNAL DA CRECHE

A edição do material produzido para e durante o Encontro Nacional de Creches procurou se adequar às propostas do projeto inicial, isto é, constituir-se numa via de comunicação para um público mais amplo (e tão diversificado quanto foram os participantes) dos conteúdos e do clima de troca que ocorreu durante os três dias do Encontro.

A linha norteadora da edição do jornal foi a procura de linguagem textual e gráfica que traduzisse o ocorrido durante o Encontro e que fosse também acessível a pessoas ocupando cargos, desempenhando funções e possuidoras de experiências educacionais bastante diversas.

Neste sentido, procuramos definir um caminho entre dois extremos; de um lado a "fidelidade absoluta ao Encontro" que significaria nos atermos textualmente à transcrição dos depoimentos; de outro a "acessibilidade absoluta" que implicaria numa neutralização da linguagem textual, próxima à empregada em jornais televisionados.

#### PROCEDIMENTO

Este caminho intermediário, de compromisso entre os dois extremos acima indicados, foi inicialmente percorrido pelos membros da equipe de pesquisa numa primeira fase do trabalho de edição. Esta fase consistiu em agrupar e "enxugar" os depoimentos transcritos, incorporando informações contidas nos documentos produzidos e/ou trazidos pelos participantes. Este primeiro trabalho deu origem a blocos de textos internamente homogêneos, mas diversificados entre si. Este material, já re-elaborado, constituiu o ponto de partida para o trabalho de uma nova equipe e que contou com a participação de uma diagramadora, uma jornalista e um membro da equipe de pesquisa.

A diagramadora elaborou um projeto gráfico, procurando adequar a apresentação visual ao espaço, ao material textual e iconográfico disponíveis.

A jornalista, depois de leitura minuciosa (o adjetivo foi incluído aqui com seu significado pleno) da 1ª versão do texto precisou informações e significados pouco claros; re-escreveu partes da 1ª versão, adaptando-a à diagramação proposta; reviu as cópias impressas.

A pesquisadora participou das discussões que precederam as decisões tomadas, quanto à diagramação e à redação dos textos; procurou informações textuais e iconográficas complementares, organizou o agrupamento dos textos; redigiu as apresentações; reviu o material produzido pela jornalista confrontando-o com os depoimentos e documentos disponíveis.

A primeira prova impressa do jornal passou por um processo múltiplo de revisão que incluiu: todos os membros da equipe de pesquisa; o responsável pelas publicações da Fundação Carlos Chagas; e todos os participantes do Encontro que proferiram depoimento.

Esta decisão de enviar as primeiras provas para os depoentes, apesar de ter aumentado o tempo e o trabalho de edição, foi necessária na medida em que concretizava, ao nível da publicação, a postura "de respeito aos participantes" que havia norteado a realização do Encontro (em anexo modelo da carta que acompanhou o envio da 1ª prova).

As correções efetuadas pelos depoentes se mostraram, na maioria das vezes, bastante úteis, pois precisaram datas, cifras, siglas e significados. Foram raríssimos os casos em que houve proposta de alteração do depoimento: nos casos de proposta visando alterações de estilo, as transformações propostas foram rediscutidas com os depoentes.

Neste processo todo de elaboração do jornal uma série de decisões foram assumidas no sentido de integrar a fidelidade do Encontro às necessidades da divulgação, aqui incluídas, questões relativas aos custos.

— Formato: o formato jornal-mini-tablóide-grampeado foi escolhido por uma série de razões interdependentes: a datação dos textos, oriundos de um evento circunscrito, e apresentados na forma de depoimentos quase que brutos indicavam ser o jornal o formato mais adequado de divulgação. Esta opção se via reforçada pelo fato de que o jornal permite a inclusão de elementos facilitadores da leitura: "chamadas", quadros ou box, inter-títulos, destaques, ilustrações e fotografias (com as respectivas legendas). Além destas razões, o jornal não exige capa com papel de melhor qualidade, o que reduz os custos da publicação.

Uma das desvantagens de um jornal, solto, como seria o nosso, provém de sua catalogação e estocagem bibliográfica que

usualmente é feita como folheto, dificultando seu acesso nas bibliotecas. Este inconveniente foi eliminado pela concessão que obtivemos, junto aos Cadernos de Pesquisa, que o Jornal da Creche saísse como seu Suplemento Especial. Nesse caso tivemos as vantagens do jornal (acessibilidade) acrescido de um bom "gancho" ou apoio bibliográfico.

Optamos, então, por esse formato mas utilizando papel branco (e não papel jornal) para que a impressão se revestisse de maior nitidez e a publicação fosse menos perecível ao manuseio.

O grampeamento foi necessário devido ao grande número de páginas do jornal (48).

— Seleção dos conteúdos: apesar dos conteúdos terem se centrado nos depoimentos, decidimos por incluir outros materiais produzidos ou veiculados pelos participantes em torno do Encontro, mesmo que não assumissem a forma de um texto individualizado. Assim, por exemplo, as apresentações foram redigidas a partir da síntese das discussões em grupo que ocorreram durante os três dias.

Incluimos também trechos de documentos e cartas, para complementar ou atualizar as informações. Usamos, de preferência, sempre que as condições técnicas o permitiram, material iconográfico (fotos, logotipos etc.) cedidos pelos participantes.

A recuperação destes documentos produzidos durante e para o Encontro foi determinada não apenas por uma busca de fidelidade mas também em função da comunicação: na medida em que parte da distribuição será feita pelos próprios participantes, o uso de materiais familiares tende a facilitar a recepção.

— Ilustração: decidiu-se que as ilustrações deveriam permitir uma leitura paralela ou complementar ao texto. Neste sentido algumas vezes aparecem para reforçar o dito, outras vezes atuam como contraponto, outras explicitam o não-escrito.

— Texto: decidimos diversificar a apresentação formal do texto utilizando os recursos que a diagramação permite — quadro (ou box) destaque, inter-título etc. e que permitem ao mesmo tempo a utilização de um espaço menor sem que entretanto o conteúdo seja perdido.

Procurando diversificar a apresentação, mantivemos para alguns dos depoimentos a "expressão-verbal-lida", eliminando reditas, tornando passagens mais claras e incorporando sistematicamen

te algumas regras da norma culta.\* Mesmo nos depoimentos reescritos (quando se passou a narrativa da 3ª para a 1ª pessoa) procuramos incorporar algumas palavras ou frases (entre aspas) do depoente no próprio texto.

— Preço: o preço foi incluído na capa para retirar da publicação o estigma de doação — produto de menor valor. Previmos, porém, que sua distribuição seja em parte gratuita. A quantidade fixada foi baseada no preço de publicações congêneres.

— Distribuição: fazendo parte do acordo estabelecido com os Cadernos de Pesquisa 400 exemplares serão distribuídos entre seus assinantes e doações, o que permitirá atingir aproximadamente 200 bibliotecas.

Parte da edição será distribuída gratuitamente para os participantes no Encontro (5 exemplares por pessoa) solicitando que atuem como micro-distribuidores. Também pedimos aos participantes que nos enviem nomes de entidades e/ou pessoas que gostariam de receber a publicação que lhes será, então, enviada diretamente.

#### FINANCIAMENTO

Como tem acontecido com os produtos do projeto "O que se deve saber sobre creche", procuramos envolver outras agências financiadoras, além da Fundação Ford, nos custos diretos dessa publicação.

Deste modo, enviamos um projeto ao CNPq (que foi aprovado) solicitando-lhes o financiamento da impressão do Jornal da Creche.

A Fundação Carlos Chagas também participou dos custos diretos da edição do jornal (pagamento de fotolitos e fotografias) como contrapartida por sua inserção nos Cadernos de Pesquisa.

---

\* A questão do respeito à linguagem falada em textos escritos não nos parece ainda resolvida. Porém, por observação sistemática, temos podido notar um cuidadoso respeito (sem correções conseqüentes) a falas de interlocutores identificados com a norma não culta e pouco respeito (isto é muitas correções) a falas de interlocutores identificados com a norma culta.

ANEXO Nº 3

ENCONTRO DOS PROFISSIONAIS DE CRECHE

## ENCONTRO DE PROFISSIONAIS DE CRECHE

### Antecedentes

Dentre os depoimentos apresentados durante o Encontro Nacional Sobre Creches, o mais contundente, sem dúvida, foi o de uma participante que exercia a função de pajem em uma creche conveniada de São Paulo e que colocou com muita clareza a problemática enfrentada por esta categoria profissional. Seu depoimento foi ainda reforçado por outras informações que enfatizavam a precariedade das condições de trabalho da pajem.

Todos esses dados evidenciaram a existência de uma situação profissional pouco conhecida e discutida — a de pajem —, muito complexa e na convergência de muitas pressões.

Estes fatores todos levaram a coordenadora do Programa de Educação de Piracicaba à proposta de realização de um Encontro Estadual de Pajens de Creche mais ou menos nos moldes do Encontro Nacional de Creches. Piracicaba oferecia local e infra-estrutura necessária e abria suas creches aos participantes, para que pudessem conhecer o programa lá desenvolvido.

A proposta foi longamente discutida pela equipe, que decidiu finalmente, aceitá-la, incluindo-a como um subprojeto dentro do projeto que já vinha desenvolvendo sobre "o que se deve saber sobre creches".

A aceitação da proposta deveu-se não somente aos aspectos anteriormente citados, levantados na realização do Encontro Nacional de Creches, mas também porque coincidia com a preocupação que a equipe tinha com relação às condições que envolvem a mulher que trabalha em creche, de maneira geral, e, de modo muito particular, àquelas que participam dos programas de creche domiciliar.

## Preparação

Um intenso trabalho de levantamento de informações sobre as experiências com creches existentes no Estado de São Paulo, feito através de inúmeras visitas e reuniões com técnicos de diversas cidades, reuniu dados que permitiram a elaboração de um subprojeto onde se delineavam os objetivos do Encontro, critérios para seleção dos participantes, o temário e as estratégias a serem adotadas. Em função das informações colhidas os critérios iam sendo revistos e repensados até chegar a uma proposta final.

## Seleção dos Participantes

Decidiu-se que do Encontro deveriam participar pajens trabalhando na Grande São Paulo e no interior do Estado. A inclusão de São Paulo foi considerada importante, dado o estágio em que já se encontra a discussão da questão da creche, o que permitiria às pajens do Interior tomarem conhecimento da reflexão que aqui vem sendo feita em torno do assunto. Julgamos, porém, que a quantidade de participantes da Grande São Paulo não deveria exceder a um terço do total e que seriam privilegiadas as experiências que não encontrassem paralelo no interior (creche de empresa, de universidade, comunitária).

A seleção dos tipos de creches a serem convidadas partiu do levantamento já efetuado para o Encontro Nacional, complementado por novos contatos.

No interior, procurou-se abranger os diversos tipos de creche, caracterizados, principalmente, pela fonte de recursos. No caso das creches mantidas por entidades filantrópicas procurou-se também balancear a participação dos diferentes tipos (laica, católica, espírita etc.).

Tentou-se, também, diversificar as regiões do Estado, preferindo aquelas creches que fossem mais representativas em cada uma das regiões.

Na medida do possível, ainda, garantiu-se uma variação quanto à idade da pajem, à faixa etária da criança da qual ela se ocupa, do treinamento anterior e do tipo de trabalho que ela executa (banho, comida, recreação).

Quanto aos técnicos, foram convidados aqueles que apresentaram um interesse genuíno pela questão e que vêm, de uma maneira ou de outra, desenvolvendo um trabalho que visa uma melhoria do atendimento às crianças e das condições de trabalho da pajem.

Tanto para as pajens como para os técnicos houve um princípio norteador de escolha que foi a capacidade de multiplicação da experiência vivida no Encontro.

Pareceu-nos fundamental a presença conjunta das pajens e do técnico que trabalha diretamente com elas, como a única possibilidade de se dar continuidade ao trabalho iniciado.

Assim, de todas as regiões presentes, somente a Baixada Santista não teve um técnico convidado porque, efetivamente não se encontra ali um trabalho integrado nem entre as cidades, nem em uma cidade especificamente.

### Concepção do Encontro

As visitas realizadas no interior e as reuniões com os técnicos das diversas cidades foram fundamentais para explicitarmos mais claramente a concepção do Encontro e a programação decorrente.

A proposta inicial de um treinamento tradicional, com a participação somente de pajens, foi aos poucos sendo modificada: de treinamento passamos a encontro, embora mantivéssemos alguns

aspectos de treinamento. Era importante dar espaço às pajens para que discutissem seus problemas, mas também era importante que elas voltassem instrumentadas para suas creches. Da mesma forma, a participação inicialmente apenas prevista para pajens foi aberta também para os técnicos que trabalhavam com elas, pois estávamos convencidas de sua importância e poder de decisão e atuação. Sentimos a necessidade de possibilitar ao menos a continuidade ao tipo de trabalho que estávamos propondo, e para esta continuidade o papel do técnico nos pareceu fundamental. Por outro lado, as atividades tradicionalmente propostas em treinamentos, baseadas essencialmente na expressão verbal, foram sendo substituídas aos poucos, por atividades não-verbais.

O enfoque seria na pajem, contrariamente aos treinamentos habituais, que centram a atenção na criança. Acreditamos que a maneira de atingi-la e suscitar uma reflexão sobre seu trabalho, mesmo que a longo prazo, seria discutindo suas ansiedades, angústias e os problemas pessoais que enfrenta como profissional e como mulher. Evidentemente que isto está extremamente ligado à atuação junto as crianças e que, discutindo estes aspectos, estaríamos atingindo também a criança e a educação que se dá a elas na instituição creche.

A preocupação fundamental era de criar um clima em que as pajens pudessem se colocar enquanto pessoas e profissionais. Tanto nós da equipe, como os técnicos convidados teriam, conseqüentemente, um espaço menor.

A atitude a ser assumida seria basicamente de "escutar" atenta e respeitosamente, colaborando no processo através de intervenções não sistemáticas. Sendo assim, previu-se que falaríamos pouco, permitindo que cada pessoa se colocasse conforme seu próprio ritmo e sua própria linguagem. Isto só poderia ser feito em detrimento, às vezes, da participação dos técnicos. Para estes e para

nós da equipe, a proposta que se colocou seria a de uma reflexão sobre o que é treinamento e como é que ele se efetua efetivamente.

Ao mesmo tempo, este encontro estava inserido no projeto de pesquisa "o que se deve saber sobre creche" e tínhamos interesse em colher dados relativos ao atendimento prestado à criança de 0 a 6 anos no Estado de São Paulo, nos diferentes tipos de creche.

A programação teria que ser elaborada levando em conta todos estes fatores. Ela foi reelaborada sucessivamente; a cada visita, a cada nova informação, o plano era revisto e modificado. Foi, basicamente, um trabalho da equipe conjuntamente com os técnicos, com os quais a programação foi pormenorizadamente discutida, até se chegar à forma final.

Alguns princípios básicos nortearam esta programação:

- As pajens deveriam ter oportunidade de relatar suas experiências.
- Seriam abolidas as situações didáticas em que um técnico daria "aulas" sobre este ou aquele assunto.
- O material audiovisual deveria prevalecer, bem como as atividades de expressão não-verbal.
- Preferia-se o trabalho em grupos pequenos, uma vez constatado que o aproveitamento das pajens em grupos grandes era discutível.
- Não se daria de antemão nenhum produto acabado. Desta forma, a apresentação de qualquer material só ocorreria no final do Encontro.
- O enfoque seria privilegiar o processo, e não o produto.
- Tanto os técnicos como a equipe organizadora deveriam entrar como participantes nos grupos coordenados por especialistas.
- Seria estimulado o fazer ativo, o aprender fazendo, procurando-se abolir situações de escuta passiva. Para tanto devia-se par-

tir do conhecimento das próprias pajens, objetivando a incorporação de uma postura frente às situações e não à aquisição de algumas técnicas isoladas.

Por outro lado, seria importante que todo trabalho desenvolvido culminasse num produto que sintetizasse as idéias dominantes no grupo, e que pudesse ser partilhado por todos os participantes.

A programação também atendeu às solicitações de Piracicaba: os participantes visitariam os vários CEPECs — Centros Polivalentes de Educação e Cultura — do programa da Prefeitura; seriam abordados os aspectos mais requisitados durante o levantamento anterior ao Encontro: o que fazer com a criança o dia todo e como lidar com a questão da sexualidade; e finalmente, haveria um intercâmbio de experiências entre as pajens, entre os técnicos, e a experimentação de novas técnicas de treinamento.

O Encontro foi dividido em dois blocos de atividades. No primeiro, previa-se que os participantes se conhecessem entre si, falassem e discutissem sobre este trabalho. No segundo, as pessoas escolheriam uma área de interesse e desenvolveriam um tema em maior profundidade, com a preocupação de apresentar um resultado final aos demais participantes.

Da 1ª parte constaria: um aquecimento inicial (técnica corporal), a constituição de grupos onde os participantes se apresentariam e discutiriam sobre o papel da pajem e sua situação de trabalho. Estes grupos foram coordenados pelos integrantes da equipe.

Na 2ª parte, todos os participantes deveriam escolher um dos três grupos de atividades disponíveis:

- Grupo I      Sensibilização
- Grupo II     Educação Sexual
- Grupo III    Atividades com a criança

O Grupo I se proporia a um aprofundamento de reflexão sobre a pajem, através da utilização de técnicas de sensibilização e dramáticas. Para desenvolver este trabalho foram contratados dois especialistas que mantiveram contatos anteriores com a equipe a fim de tomarem conhecimento dos aspectos ligados à questão.

O Grupo II, discutiria basicamente a questão da sexualidade.

O Grupo III, desenvolveria o tópicico de atividades com as crianças, contando com o apoio de uma professora de educação física; uma psicóloga atuante num trabalho comunitário de atendimento de crianças de 0 a 6 anos e pela responsável pela oficina de brinquedos da FEAC (Federação das Entidades Assistenciais de Campinas). Este grupo trabalharia inicialmente junto, subdividindo-se posteriormente em 3 subgrupos, um para cada faixa etária. A divisão seria a seguinte: Faixas de 0 a 2 anos, de 2 a 4 anos, de 4 a 6 anos, deixando-se aos participantes a opção por qualquer dos 3 subgrupos.

Como apoio, foram contratados dois especialistas em técnicas dramáticas, uma pesquisadora que vinha coordenando grupos de discussão sobre a questão da sexualidade, uma psicóloga e uma professora de educação física, que trabalha em creche e treinamento para pajens.

Embora com momentos determinados de atuação, estes especialistas poderiam ser chamados a qualquer momento para interferir, caso fosse necessário.

Eventos complementares foram previstos tais como: exposição de material; programas e fotos trazidas pelas próprias pajens; passeio pelos pontos turísticos de Piracicaba; projeção de filmes; festa junina promovida pela comunidade.

A programação desenvolveu-se, na prática conforme o planejamento. (Ver cópia em anexo)

### Os Participantes: Seleção e Formação dos Grupos

Um dado importante de que dispúnhamos a respeito das participantes, era a disparidade de condições de trabalho e salários, correspondendo, grosseiramente, a duas categorias: as que trabalhavam em creches mantidas pelo poder público ou empresas e as que trabalhavam em creches filantrópicas, conveniadas e comunitárias. Consideramos que o simples confronto destas experiências, nos relatos individuais, provocaria uma reflexão nas pajens sobre suas condições de trabalho.

Os grupos foram formados de modo a garantir que todas as experiências estivessem neles representadas (prefeitura, conveniada, filantrópica, empresa comunitária). Cada grupo contava com um elemento da equipe da Fundação Carlos Chagas, quer para coordenar, quer para acompanhar o desenvolvimento das atividades.

Os técnicos convidados foram distribuídos pelos vários grupos, ou agrupados em um grupo único de acordo com a atividade. Em determinados momentos (apresentação dos participantes) evitou-se que os técnicos participassem dos mesmos grupos das pajens com as quais trabalham diretamente e, em outros, os técnicos reuniram-se em separado.

Enfim, nos grupos de atividade I, II e III a escolha foi livre e espontânea por parte das pajens. Quanto aos técnicos, a escolha já havia sido feita na reunião preparatória realizada na Fundação.

## Transporte e hospedagem

Considerando que para muitas pajens seria esta a primeira vez a saírem de suas cidades, e que a preocupação com o deslocamento foi uma constante em quase todos os contatos mantidos, solicitamos que os técnicos viessem com as pajens de sua região (Botucatu, Ribeirão Preto, Sorocaba, Paulínia, Campinas e São José dos Campos) e que os elementos da equipe viessem junto com as pajens da região da Grande São Paulo. As pajens de Lins solicitaram que alguém as esperasse na rodoviária de Piracicaba. Estas providências que foram tomadas, garantiram a presença das pajens no Encontro e diminuíram os custos com transporte.

A hospedagem foi oferecida pela população de Piracicaba. Desta forma todos os participantes ficaram hospedados em casas de funcionários da Prefeitura, o que contribuiu para a melhor integração dos participantes de fora.

## Recursos Materiais

Gravação — Todas as discussões foram gravadas para posterior transcrição e utilização por parte da equipe da Fundação.

Video-Tape — a utilização do vídeo teve a finalidade não só de registrar o Encontro, como também servir de instrumento ao próprio Encontro: o processo de trabalho e os resultados de cada um dos grupos de atividades — I, II, III — foram filmados e apresentados aos próprios participantes. Desta forma eles tiveram uma idéia geral do todo e puderam se observar atuando nos grupos.

Sucata — Uma oficina de sucata ficou à disposição dos três grupos, embora fosse destinada mais especificamente ao grupo III ("Atividades com a criança"). Contava com gran

de diversidade de materiais, embora não incluisse nada que fosse estruturado ou mais elaborado.

Material estruturado — tais como livros, modelos de brinquedo de sucata, folhetos, fotos, etc. só foram colocados à disposição para consulta no último dia do Encontro, quando as atividades de criação e elaboração dentro de cada grupo já haviam sido encerradas. Procurou-se evitar, com isso, a apresentação de modelos que direcionassem o produto de cada grupo ou ainda, que desestimulassem a atividade criadora.

Filmes — utilizados como estímulo para o Trabalho do Grupo III — "Atividades com a criança".

### Resultados

O Encontro transcorreu num clima de muita descontração, com os participantes muito envolvidos e motivados durante todo o tempo.

O objetivo do Encontro como troca de experiências pôde assim, ser amplamente atingido, contando com a participação de todos na discussão dos problemas que envolvem a pajem em particular e o trabalho na creche em geral.

Toda esta troca foi muito rica também para a equipe organizadora, que pôde coletar muitas informações relativas ao rendimento prestado à criança de 0 a 6 anos, no Estado de São Paulo.

Quanto à intenção de oferecer um treinamento, ou melhor, algo de concreto para ser levado de volta às creches, o Encontro atingiu a todos os participantes, ainda que em diferentes níveis, uma vez que o tempo era curto, o que possibilitava mais um trabalho de sensibilização e reflexão do que propriamente instrumentação. O conteúdo proposto, segundo os participantes, veio de encontro ao interesse e às necessidades do grupo.

O painel final, onde os três grupos apresentaram uma síntese do trabalho por eles desenvolvido, revelou, pela riqueza de elementos e pelo envolvimento pessoal de cada participante, o impacto que o Encontro provocou em todos.

Os técnicos que participaram do Encontro consideraram o evento muito positivo e solicitaram que, a título de subsídio para a multiplicação de reuniões desse tipo, fosse-lhes oferecido um documento que explicitasse os procedimentos de preparação do Encontro, ou seja, o caminho percorrido até a definição do modelo adotado.

Com material colhido durante o Encontro e relatos de atividades nele desenvolvidas, organizou-se um Jornalzinho que foi enviado aos participantes. Segue, anexo, um exemplar.

ENCONTRO DE PROFISSIONAIS DE CRECHE  
FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS/PREFEITURA DE PIRACICABA  
Piracicaba, 18 a 20 de junho de 1982

PROGRAMA

DIA 18 - 6.<sup>a</sup> feira

- 9:00 - 10:30 - Chegada em pequenos grupos  
Visita aos CEPECs (creches e centros co-  
munitários)
- 11:00 - Abertura geral do encontro
- 11:30 - 12:30 - Almoço
- 12:30 - 14:30 - Trabalho em grupo (4 grupos)
- 14:30 - Lanche
- 15:00 - 16:00 - Continuação do trabalho em grupo
- 16:00 - 18:00 - Horário livre (Jogo do Brasil)
- 18:00 - Jantar conjunto com pessoal de Piracicaba
- 19:00 - 19:20 - Filme "As balzaquianas"
- 19:30 - 20:30 - Debate
- 20:30 - Saída para locais de hospedagem

DIA 19 - Sábado

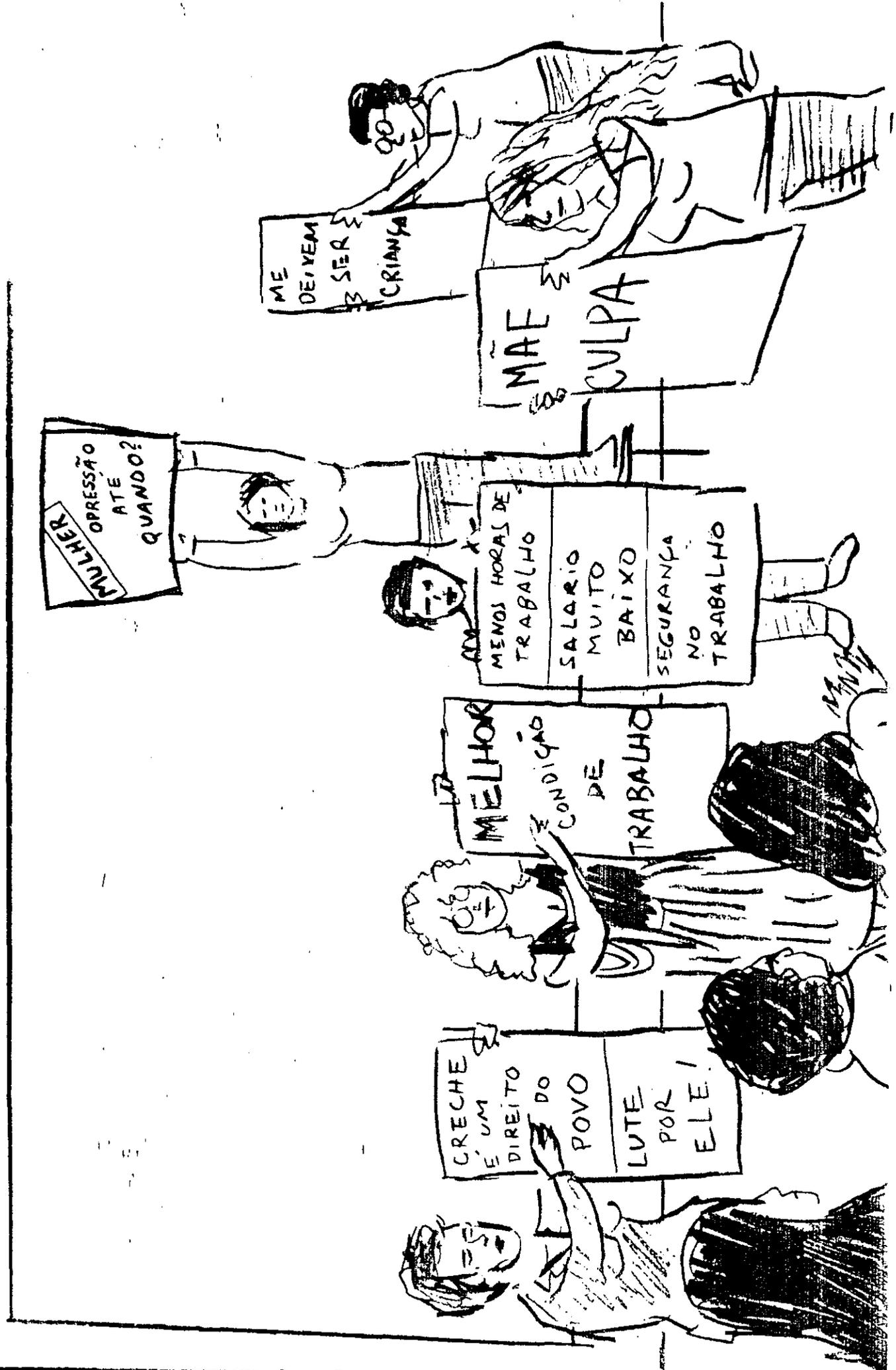
- 8:00 - 8:30 - Café da manhã
- 8:30 - 11:00 - Trabalho em grupo (5 grupos)  
(com intervalo para café)
- 11:00 - Almoço  
Passeio por Piracicaba
- 13:00 - Reunião geral
- 13:15 - 18:00 - Trabalho em grupo (3 grupos, cada um com  
um tema)  
(com intervalo para lanche)
- 18:00 - Lanche  
Tempo livre em casa  
Festa junina
- 19:00 - 22:00 - Condução para casa

DIA 20 - Domingo

- 8:30 - 12:00 - Trabalho em grupo (continuação do trabalho do dia anterior - 3 grupos)  
(com intervalo para café)
- 12:00 - 13:00 - Almoço
- 13:00 - 16:00 - Painel dos 3 grupos
- 16:00 - Lanche e encerramento do encontro
- 17:00 - Condução para a rodoviária

## JORNALZINHO DO ENCONTRO

- 1) Grupo 1 - teatro
- 2) Grupo 2 - educação sexual
- 3) Grupo 3 - atividades com crianças
  - a) filmes
  - b) domingo de tarde - atividade com a Marina (participaram também outros grupos)
  - c) atividades da manhã de domingo
- 4) Recados dos participantes
- 5) Lista de Endereços



ME DEIXEM SER CRIANÇA

MAE CULPA

MULHER OPRRESSÃO ATE QUANDO?

MENS HORAS DE TRABALHO  
SALARIO MUITO BAIXO  
SEGURANÇA NO TRABALHO

MELHOR CONDIÇÃO DE TRABALHO

CRECHE É UM DIREITO DO POVO  
LUTE POR ELE!

## Prazer e Sexo

O sexo é um diálogo total, significado pela totalidade do encontro físico, em que todo o corpo fala, exprimindo doação e total intimidade.

Somente conhecendo o nosso corpo, teremos condições de ensinar a criança a conhecer o dela.

A criança quando está se masturbando é como se estivesse pegando em qualquer parte de seu corpo. É uma forma de exprimir ou experimentar o prazer.

Não devemos reprimir a criança quando ela estiver explorando o seu próprio corpo, mas procurar sempre entrar nisso com naturalidade. Um gesto seu negativo, por trazer sérios problemas psicológicos na sua vida, principalmente na adolescência: atraso da menstruação ou os homens não conseguem a ereção.

Não devemos separar as crianças por sexo porque quanto mais separa, mais curiosa ela fica.

A mulher quando reprimida de pequena, passa inconscientemente para os filhos as situações vividas por ela.

Para que isso não aconteça é preciso de reuniões e discussões, onde seja o assunto encarado com naturalidade por parte de todos os participantes.

Quando a criança perguntar algo relacionado a sexualidade não mentir. Procurar sempre dar algo de concreto e de real. Não aprofundar no assunto e responder somente o que ela perguntar. Não despertar uma curiosidade que ela não sente.

Sexo é uma coisa espontânea. Não é programada. Simplesmente acontece.

Sexo não é uma violência, nem uma coisa suja ou feia. É um prazer, uma necessidade.

## ENCONTRO DE PIRACICABA

### 1) Grupo de Atividades com a criança

O grupo que escolheu trabalhar sobre o assunto ATIVIDADES COM A CRIANÇA assistiu dois filmes. O primeiro mostrava crianças de 2 a 3 anos. O outro mostrava as mesmas crianças com 4 e 5 anos. As crianças apareciam em atividades na escola (ou creche), em casa ou na rua, acompanhadas de algum adulto.

Muita coisa, nos filmes, chamou a atenção do grupo. Vimos que:

- as crianças menores gostam de estar perto das outras, mesmo que não saibam ainda brincar junto com elas;
- os pequenos não conseguem brincar muito tempo com as mesmas coisas;
- os maiorzinhos procuram os amiguinhos para brincar junto e ficam mais tempo na mesma brincadeira;
- conforme as crianças vão crescendo elas vão sendo capazes de fazer muita coisa sozinhas. No filme a professora e os pais estimulavam as crianças para isso. Já não era preciso fazer tudo por elas.

Vimos também:

- as crianças brincando ao ar livre (fora da sala), mesmo em dias bastante frios;
- que as crianças saem em grupos acompanhadas por um adulto para passear: andar de ônibus, ver os trens na estação, ver como se faz o pão, como se tira leite da vaca, etc.;

- que nas atividades as crianças usavam não só as cadeirinhas e mesinhas; também brincavam no chão com muita alegria;
- a alegria das crianças podendo brincar com água, lavando roupinhas e pendurando-as no varalzinho;
- que com materiais muito simples, como caixas de papelão pintadas, as crianças inventam sozinhas muitas brincadeiras;
- que as professoras e as mães não ensinavam sempre o jeito certo das coisas, mas deixavam as crianças irem experimentando até acertar; (É claro que isto só vale para situações que não ofereçam perigo!)
- que as crianças de uma sala não faziam todas sempre a mesma atividade. Muitas vezes elas podiam escolher coisas diferentes para fazer;
- que é importante que a criança brinque porque brincando ela estará aprendendo.

Depois de ver os filmes, nós discutimos um pouco o que observamos.

Neide chamou atenção para as diferenças das crianças mais novas, em comparação com as maiores: "as crianças dessa idade, quanta dificuldade elas encontram para mexer com os objetos". Vimos também como as professoras procuravam não fazer as coisas pelas crianças, mas deixavam que elas tentassem sozinhas e só interferiam em alguns momentos.

Por tudo que viu, Sonia achou que "a gente devia acreditar mais na criança de 2 anos". Ivone falou que "as crianças não precisam que a gente crie para elas, elas também sabem criar". Neide

de reparou como as crianças mexiam com a sucata e os brinquedos do jeito que elas queriam, com liberdade.

A liberdade das crianças brincarem, pegarem os objetos elas mesmas, se movimentarem sozinhas, chamou nossa atenção. Neide achou que na creche as crianças têm mais liberdade que em casa, mas Sonia disse que na creche a criança fica muito presa. Conversamos sobre as diferenças que existem entre cada creche.

Ivone falou sobre a liberdade da pajem: "para dar liberdade para a criança, a gente tem de ter liberdade também, não dá para vir tudo já planejado para a gente".

Discutimos um pouco sobre as brincadeiras ao ar livre. Nos filmes observamos as crianças muitas vezes fora, mesmo com muito frio. Dalva contou que na creche dela, mesmo sem escorregador, as crianças pequenas brincam no chão com água e sabão, e as pajens ajudam elas a escorregarem no chão molhado.

Marina falou sobre os acidentes que podem acontecer, e disse que é importante poder contar com a boa vontade e compreensão dos pais nessas ocasiões. Percebemos, mais uma vez, como é importante a creche estar próxima das famílias.

Sonia ficou impressionada de ver como os adultos, nos filmes, eram sempre muito pacientes com as crianças, mesmo quando elas faziam manha, brigavam e se portavam mal. Conversamos um pouco sobre castigos: devemos castigar as crianças? Como agir nessas situações? Neide achou que em vez de dizer "não pode", a pajem devia tentar fazer a criança mudar de comportamento. Clarice notou como a professora ajudou uma menina a entrar numa brincadeira de casinha, fazendo de conta que ela ia vender doces e conseguindo que ela fosse aceita pelo grupo. Sonia disse que nem sempre é possível manter a calma. Sentimos que esse é um problema difícil, sem respostas simples.

Durante outros momentos do encontro, voltamos a lembrar do que observamos nos filmes e refletir sobre o nosso trabalho nas creches. O que é possível fazer, mesmo quando enfrentamos condições de trabalho mais difíceis, falta de espaço e de material?

2) Domingo de tarde — atividades com Marina

A ORQUESTRA

Numa sala grande, ficamos todas em roda, cada uma com um instrumento:

Rita no piano (uma cadeira virada)

Clarice no bumbo (um tambor vazio de sabão em pó)

Dalcy na sanfona (usamos a imaginação!)

Ana Elisabete no prato (duas tampas de panela)

Lindinalva, Dalva e Vera nos côcos (cada uma com duas metades de casca de côco)

Neideramis na marimba (batendo com um pauzinho em garrafas mais ou menos cheias, penduradas com barbante num suporte)

Lúcia Helena no chocalho

Neide e Marlene com bastões (2 pauzinhos roliços)

Sílvia, Ana, Aparecida e Suely com chocalhos

Sonia e Ivone com bastões

Neusa, Vilma e Janete nos reco-recos (caixas de ovos e pauzinhos)

e

Marina, tocando um côco e regendo.

Cônforme íamos cantando a música, quem estava com o instrumento do qual se falava, tocava ou fingia que tocava:

Fiz um teste musical, numa grande orquestra

Tinha piano, tinha piano

Comecei a pianar

Piano, piano, piano, lã

Piano, piano, piano, cã

(repete)

Fiz um teste musical, numa grande orquestra

Tinha bumbo, tinha bumbo

Comecei a bumboar

Bumbo, bumbo, bumbo, lâ }  
Bumbo, bumbo, bumbo, câ } (repete)

A letra é sempre a mesma, só que cada vez falamos de um instrumento, com aquele instrumento acompanhando o último verso.

Sanfona (sanfonar)

Viola (violar)

Pandeiro (pandeirar)

Prato (pratear)

Chocalho (chocalhar)

Marimba (marimbar)

Côco (coquear)

Bastão (bastonar)

Reco-reco (reco-car)

No final, cantamos todas os instrumentos juntos:

Fiz um teste musical, numa grande orquestra

Tinha piano, tinha bumbo, tinha sanfona, tinha viola,

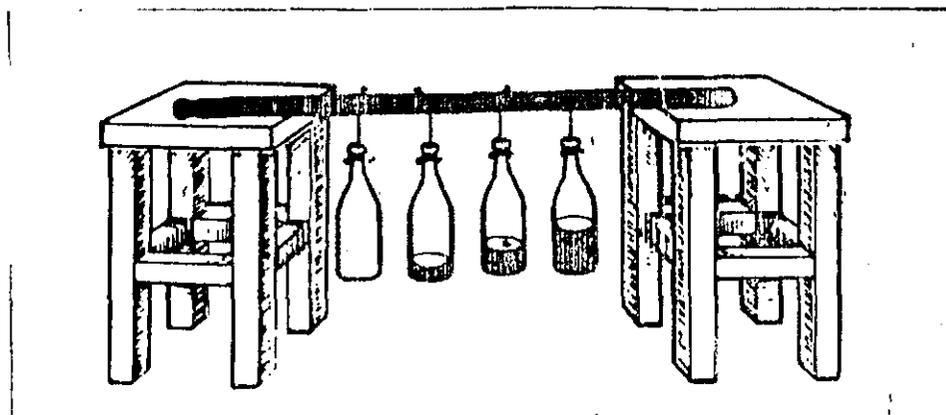
tinha pandeiro, tinha chocalho, tinha prato, tinha

côco, tinha marimba, tinha bastão, tinha reco-reco

Reco, reco, reco, câ }  
Reco, reco, reco, lâ } (repete)

Tã, tã, tã, tã, tã, tã - Tã, tã, tã, tã, tã, tã.

No final, batemos muita palma, para terminar



MARIMBA

Depois sentamos no chão, todas em roda, lembrando das músicas que a gente conhece:

Marcha soldado, cabeça de papel

Se não marchar direito, vai preso pro quartel

Sapo cururú, da beira do rio

Quando sapo canta, maninha, cururú tem frio

Na Bahia tem, tem, tem, tem

Na Bahia tem, morena

Côco de vintém

A canoa virou

Por deixar ela virar

Foi por causa do meu bem

Que não soube remar

e outras que a Vera lembrou!

Em seguida levantamos, ficamos uma atrás da outra e começamos a marchar em roda, batendo bem o pé e cantando "Marcha soldado".

Cantamos outras músicas e sentamos de novo no chão, "como índio" (pernas cruzadas), e cantamos, acompanhando com palmas:

Escravos de Jô

Jogavam caxangã

Tira, põe

Deixa o congerê ficar

Guerreiros com guerreiros

Fazem zigue, zigue, zã

Lã, lã, lã, lã, lã...

(repete)

Depois esticamos as pernas para a frente e começamos a remar com os braços, balançando o corpo para frente e para trás, começando do pé, acompanhando o canto:

A canoa virou

Por deixar ela virar

Foi por causa da Marina

Que não soube remar

(repete)

Se eu fosse um peixinho

E soubesse nadar

Eu tirava o meu bem

Lã do fundo do mar

E depois, girando as mãos:

Tilim pra cá

Tilim pra lá

Moça bonita

Quer casar

A Marina nos mostrou como a professora deve fazer para estimular a participação de todos. Ela mesma tem de mostrar muito entusiasmo, alegria e fazer de tudo junto com as crianças: sentar no chão, correr, pular, bater palmas, cantar, etc..

Para estimular o coleguismo, a Marina pediu para a gente ficar de pé, uma de frente para a outra, uma dentro da roda,

outra fora, para cantar, batendo as mãos, cada vez mais depressa:

Pirulito que bate, bate

Pirulito que já bateu

Quem bate em mim é ela

Quem bate nela sou eu

E, dançando de braço dado:

Yá-yá dá o braço pra yô-yô

Yô-yô dá o braço pra yá-yá

O tempo de criança já passou, eh!

(pulando e batendo palmas para o alto)

E de novo o pirulito, bem depressa!

No final fizemos uma brincadeira, com duas turmas:

Cada turma fazia uma fila e todas abriam bem as pernas para passar alguma coisa por baixo: primeiro uma sandália, depois uma pessoa!

Cada vez que a sandália chegava atrás, a última da fila corria na frente e passava de novo a sandália para trás. Quando a pessoa que era a primeira da fila voltava ao seu lugar, aquela turma ganhava.

A Marina nos mostrou como sempre dava um jeito numa turma ganhar depois da outra. E aprendemos a bater palmas para quem ganha e... para quem perde! Só que para quem perde elas começam bem fraquinhas e devagar e vão aumentando até ficarem fortes como as outras.

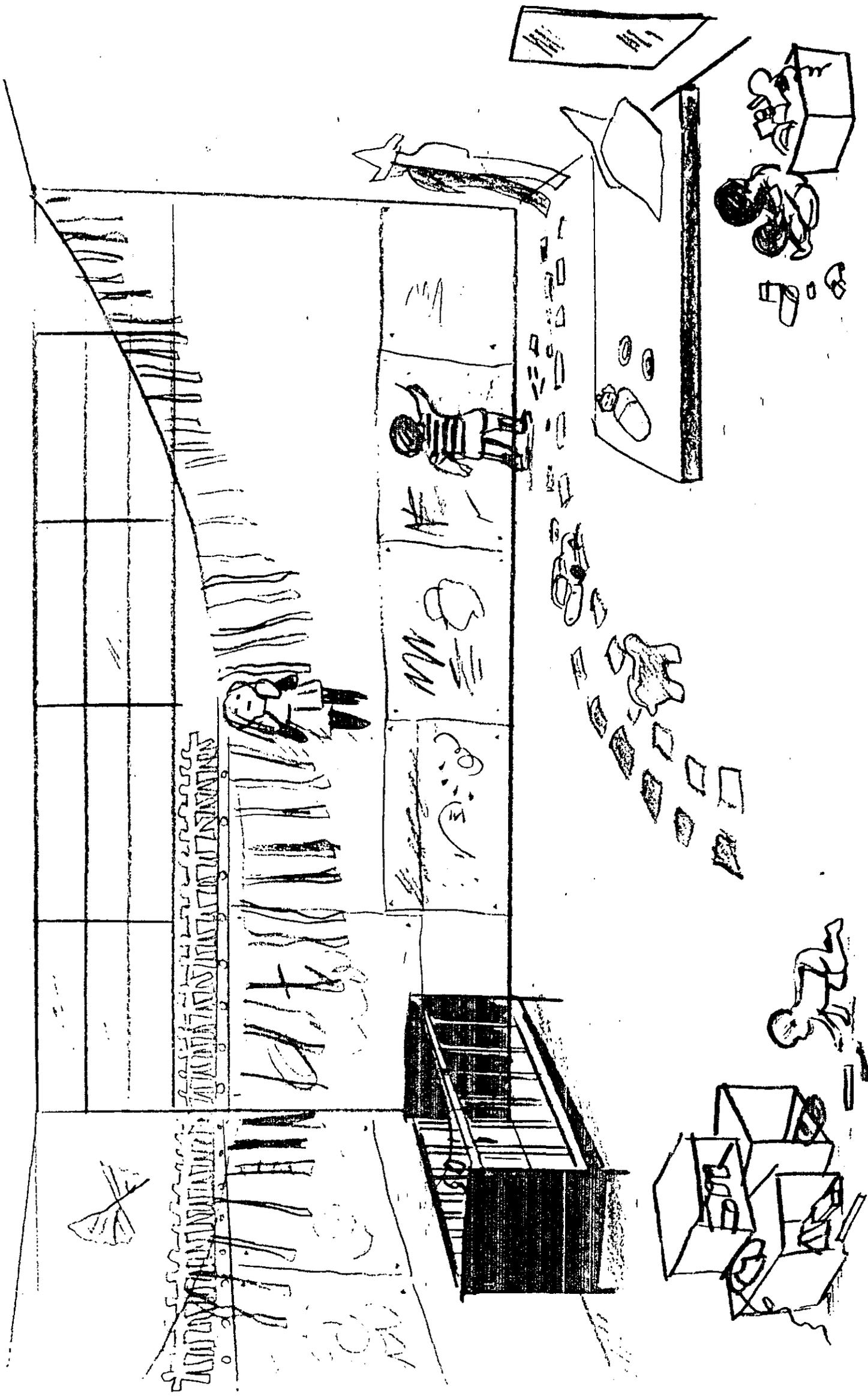
Aprendemos também que quando as crianças erram numa brincadeira de roda, elas não devem cair fora, mas devem ficar dentro da roda. Assim elas sentirão que pertencem ao grupo, poderão acompanhar a brincadeira e estarão sendo vistas por todos.

### 3) Atividades do domingo de manhã

O grupo de ATIVIDADES COM A CRIANÇA foi dividido em 3 pequenos grupos.

- a) O primeiro grupo discutiu e elaborou uma proposta para o trabalho com crianças de 0 a 2 anos. No desenho vemos como esse grupo organizou o espaço do berçário. No berço foi pendurado um varalzinho com muitos objetos para a criança olhar, mexer, desenvolvendo sua percepção e seus movimentos. No chão foram colocadas caixas de papelão com brinquedos para as crianças que engatinham. Também vemos no desenho um colchão no chão para os pequenos se espalharem, papéis na parede ao seu alcance para rabiscarem a vontade, um espelho para se olharem e marcas no chão para estimular os primeiros passos.

Nas paredes e pendurados em varais, os papéis coloridos de formas diversas estimulam a percepção e a imaginação das crianças.



b) O segundo grupo preocupou-se com as crianças de 2 a 4 anos, nas várias situações em que elas ficam na creche: no berço, no chão e em mesinhas e cadeiras.

Para cada situação as participantes do grupo confeccionaram brinquedos com a sucata disponível. Eles foram arrumados em uma pequena estante baixa, e em uma caixa de papelão, ao alcance das crianças.

Havia brinquedos para estimular a audição, o tato, a percepção de cores e formas, o movimento, a imaginação e alguns quebra-cabeças para os maiorzinhos.

Figuras foram colocadas em papelão para ajudar a mãe a conversar com as crianças sobre: o trabalho (o que a mãe e o pai de cada um fazem durante o dia), a família, conceitos de tamanho, quantidade, etc..

c) O terceiro grupo conversou sobre as atividades que devem ser desenvolvidas com as crianças de 4 a 6 anos.

Foram lembradas atividades para desenvolver: coordenação motora, memorização, imaginação, atenção, linguagem e conceitos como perto e longe, grande e pequeno, igual e diferente, quantidade. Para estas atividades alguns materiais foram elaborados, utilizando sucata. O grupo lembrou ainda a necessidade de desenvolver nas crianças algumas atitudes, como organização e economia no uso dos materiais que a creche dispõe, alguns hábitos de higiene (lavar as mãos, escovar os dentes, usar a descarga) e alguns hábitos sociais (pedir licença, desculpas, dar bom dia).

Todas estas idéias foram resumidas num cartaz que ficou junto da estante onde foram expostos os materiais feitos pelo grupo.

Nos três grupos apenas levantamos algumas propostas para o trabalho com as crianças. Sabíamos que não tínhamos condições de tempo para discutir tudo que pode ser feito na creche. Mas a troca de experiências e idéias que houve entre nós foi importante para que cada uma continuasse na sua creche a procurar caminhos para o seu trabalho.

Foi extremamente gratificante este encontro me animou bastante, e eu sinto que dentro de mim, novos caminhos se abriam, eu espero que haja novos encontros. Adorei lembrar a Regina, a Marta, a Maria, e a Elvira, elas são realmente de muito pique, elas fenomenalmente amor dentro de si, e dedicação ao seu trabalho.

Quando chegava em casa, quando eu chegava minha cabeça colocá-la no lugar, e transmitir tudo que eu aprendi. Às outras beneficiárias que ~~eu aprendi~~ eu senti também prometer mostrar a elas, não, principalmente o sentido de união sabe? Sem ir contra ninguém, por que antes de tudo eu quero cuidar e dar amor a elas, não ensinar que se deve ficar em guarda ao menor medo.

Confiança é o meu lema, não quero demonstrar refinamento para que elas não o sintam também.

meideranis Cavallante



Um encontro precisa de abertura. E amor

Todas as freccas são importantes

Que esse momento continue presente  
em cada uma de nós

um beijo p/ cada

20/06/82. Itamará.

Foi importante eu ACHO P/ todos, pois cada um  
colocou todas as suas CARGAS.

AGORA CABE A NÓS LUTARMOS pelos nossos direitos  
Ten MESMO que haver ABERTURA.

ABRAÇOS e beijos a todos VOCES

Regina Valinhos

20/06/82

Este encontro foi de uma forma maravilhoso  
espero que façam mais vezes e quero agradecer  
a hospitalidade de todos e deixo um abraço e já com  
muitas saudades desse pessoal maravilhoso de  
todas as cidades.

Um beijo para todos de Dalci de Sorecal

Para mim este encontro foi maravilhoso aprendi  
muitas coisas boas e amizades e quero agradecer  
todos e a família que me hospedou

Elza Laura Capão Bonito

Em primeiro lugar gostei muito da cidade.

1) das pessoas que ficamos juntos

2) moradeiras são ótimas

3) educadoras

Gostei muito da Marina ela é incrível

De todo pessoal do encontro

As creches são lindas

Recebi a hospitalidade dos Pinariabano

Agradeço cada um de vós.

Alguns jamais

esquecerei de vós e de muitas coisas  
que aprendi aqui

Recebi o vosso encontro de profissionais de  
creches, pois além de aprender mais um pouco  
sobre as crianças; conheci pessoas maravilhosas  
em trabalhos lindos que dão a vida para  
as crianças.

Hoje por de Pinariaba muito obrigado.  
Uma vez que são simples, carinhosa e  
dedicada.

É o encontro entre as pessoas que têm algo em comum  
em nosso caso - ACRÍANEA. Só assim podemos ter a  
esperança de fazer algo que ~~em~~ realmente possa mudar  
as coisas que aí estão. Obrigada por tudo.

AGUEDA RIZZATO (BOTUCATU)

Não existem soluções prontas para os problemas  
que encontramos no nosso trabalho. Porém  
num trabalho de conjunto encontraremos  
soluções possíveis. É esta certeza que levo  
deste encontro, e a esperança de que  
experiência como esta possam se repetir,  
aida - Maua

Oreio eu, que através deste encontro  
sairá várias soluções para problemas que  
até ontem estava à escura.

Todos deverão aproveitar o que aprenderem  
aqui, transmitindo as nossas crianças  
que farão o Brasil no ano 2.000

A amizade, a compreensão que  
teve nesse encontro, deve-se repetir  
a todo o espaço onde há ódio,  
raiva, etc.

Deixo aqui o meu Tchou, pois não  
digo adeus, porque sei que outras oportu-  
nidades surgirão!

Aida - Cruz das Boas

Outros destes encontros deverão ser feitos na  
maior frequência. A possibilidade de troca  
de ideias é imensa. É o momento que  
vamos para refletir e Avaliar.

Abralot a todos

D. Helena - São José dos



desse em centro que tivemos aqui em  
pico ciclo com choça em minha vida  
abafando o nariz de todos voces

aproximadamente de achar uma nova  
fornalha que ja mais espereerei  
de todos voces

como uma familia  
que estamos fazendo coisas iguais  
juntos pelo bem estar da crianca  
e da populacao de grande S Paulo.

Deixo aqui meus ~~caros~~ sinceros  
abraços e agora de cimento

R. Victor Bruchert N<sup>o</sup> 54 Cep 06000

Nilson Barro

sem mais abraços e cimento

sempre sempre

um das pessoas que conheci aqui.

Foi mesmo uma coisa maravilhosa.

Gostei muito da Creche.

A refeição estava ótima.

Gostei muito de tudo que foi discutido.

A hospitalidade foi muito boa.

Agradecemos a colaboração da Prefeitura  
Podemos levar muita coisa boa.

Gostei muito de Piracicaba

Agradeço e espero voltar um outro dia

Adeus

Já está chegando a hora de ir.

Venho aqui me despedir e dizer

Em qualquer lugar ~~que~~ por onde eu andar  
Sou lembrar de você.

Ho' me resta agora dizer Adeus e Depois  
O meu caminho seguir.

O meu coração aqui vou deixar

Não ligue se agora eu chorar

Mas agora

Adeus.

Amélia Aparecida Nogueira Jostepi

Batatais - Rua Sebastião Alves de Oliveira nº 427

~~Ja~~

Achei Paracuruba uma cidade muito interessante hospitaleira uma coisa encaixel.

Nosso encontro foi Sensacional tive varios conhecimentos.

Levarei uma grande recordação da Pessoa Amavel e simpatica Mariana, não tem como esquecer-la.

Mariana vai e eterna espero nos encontrar ainda.

Pessoal da fundação.

Passa que gente maravilhosa Regina, Tereza China vãos são incalculavel, espero que esses encontros aconteçam sempre, para nos conhecermos melhor.

E que vãos também vá até nossa creche.

É ilia espero que vãos possa levar as ideias até nossa creche em São Paulo go. Estarei na

Gente obrigado por tudo  
Um abraço Sincero

Marta, em acher espectacular este encontro  
achei novas colegas pudemos dar e ter ideias  
como é a realidade de Piracaba, da nossa cidade  
achei que a minha "Cidade Piracaba" dá um  
pouco mais de valor pra nós monitora re-  
cebo um salário mais humano do que o delas.  
Com o coração partindo, que já nós decha-  
vidades das horas que estivermos juntos q  
faça meu grande abraço, não um adeus m  
em uma lembrança pra nós se comunicarem  
em cartas meu endereço é Dona Agnes  
556 casa / Piracaba fazenda Marta Moraes  
Rodrigues de Castro.

Cláusse Rosa de Moraes, achei bacana de  
mais este encontro e principalmente a simpatia  
e hospitalidade desse pessoal de Piracaba  
juntamente com as colegas de toda parte  
meu agradecimento à todas e se tiver outra  
oportunidade, participarei com todo prazer  
meu endereço é este Cláusse Rosa de Moraes  
R José Martins Perches nº 338 Bairro do Sul CP 1810

Silvânia Lurina Gillo - Depois de 11 anos de trabalho  
em creche, esta foi a primeira vez que tive oportu-  
dade de participar de um encontro sobre o meu  
trabalho. Gostei muito da experiência e pretendo  
quando tiver novos cursos, poder participar. Quero  
agradecer primeiramente ao pessoal de Piracaba  
pela hospitalidade e as coordenadoras, colegas.  
Em todas que deixo em indireta mente colaborar  
para minha participação. Com muito obrigado  
Silvânia Lurina Gillo

Rua Pedro Antonio Dias s/n Bloco U apto 133  
ar de um Passa Embu - Campinas . S.P.

13100

Ne encontros assim precisamos sempre  
para cada vez mais, abriremos  
nossa cabeça em relação ao  
trabalho com a criança e com  
a nossa própria vida.

Ne tudo que aqui se viu e ouviu  
esperamos que cada pessoa consiga  
filtrar e adaptar as informações  
transformando-as em formação para  
vivência menos conflitante com sua  
realidade profissional e pessoal.

A todos que participaram,  
direta ou indiretamente neste aconte-  
cimento um abraço muito afetoso

Apresentada Pintos  
00-6-82

Graci  
Pauline

Esse encontro foi uma coisa muito boa  
que me encontrou, foi o primeiro mas será  
inesquecível para mim.

Terá lembrança de cada pessoa todas são  
maravilhas.

O pessoal da fundação são enorres  
liderei a hospitalidade das Praticantes  
são pessoas ativas

Agradeço a cada um de vocês mil  
abraços e beijos a todos

Gostei muito das pessoas que conheci aqui  
Foi mesmo uma coisa maravilhosa  
Gostei muito da cidade  
A recepção foi ótima  
Gostei muito do que foi discutido  
A hospitalidade foi muito boa.  
Agradecemos a colaboração também da Prefeitura  
Podemos levar muita coisa boa.  
Gostei muito de Praciaba  
Agradeço e espero voltar outro dia  
O meu coração aqui não deixará  
Nada segue se não eu, agora  
Mas agora adeus

Alide Oliveira Ladeira  
Rua Minas Gerais 176 Altinópolis Vila Maria  
E.P. 14.350.

Alide

Aqueles que ficaram  
Uma Saudade

Para os que ~~se~~ foram  
Uma Esperança

Um amigo

— Sueli



ANEXO Nº 4

PARTICIPAÇÃO EM ASSESSORIAS, PALESTRAS, REUNIÕES, ENCONTROS

E SEMINÁRIOS SOLICITADOS OU ORGANIZADOS POR

OUTRAS INSTITUIÇÕES

Participação em assessorias, palestras, reuniões, encontros e seminários solicitados ou organizados por outras instituições.

- Orientação de dissertação de mestrado de estudantes em pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Aula - "A problemática das creches" - curso Mulher e Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, novembro de 1981.
- Curso "Berçarista Escolar" organizado pela Cruz Vermelha Brasileira, para formação de pessoal que trabalha em creches e berçários, janeiro de 1982.
- Palestras - "A creche e a mulher trabalhadora" - Associação dos Comissários de Bordo e Aeroviários, São Paulo, maio de 1982.
- Palestra - "A mulher e a educação" (abordando entre outras a questão da creche) - Semana da Mulher, Universidade de Passo Fundo, Rio Grande do Sul, maio de 1982.
- Encontro sobre adoção organizado pelo FEBEM, São Paulo, maio de 1982.
- Palestra - "A problemática das creches" - Instituto da Criança "Professor Pedro de Alcântara" do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP, junho de 1982.
- PAINEL - Aspectos Psicopedagógicos da Educação Pré-Escolar. II Conferência Brasileira de Educação, Belo Horizonte, junho de 1982.
- Palestra - "Psicologia uma profissão feminina" (abordando entre outras a questão da creche) - Semana do psicólogo, Associação dos Psicólogos de Minas Gerais, agosto de 1982.
- I Encontro na cidade de São Paulo sobre a relação creche, mulher, C.L.T., menor, organizado pelo Movimento dos Administrado-

res de Creches Conveniadas da Zona Sul, outubro de 1982.

- Coordenação do grupo de trabalho sobre educação pré-escolar e creches organizado pela ANPEd — Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, que se reuniu duas vezes: a primeira reunião ocorreu por ocasião da V Reunião Anual da ANPEd, realizada no Rio de Janeiro, de 10 a 12 de março de 1982; a segunda ocorreu durante a II Conferência Brasileira de Educação: Os grupos de trabalho de ANPEd visam constituir-se em fóruns especializados para discussão de resultado de pesquisas, problemas relevantes de pesquisa, metodologia, intercâmbio bibliográfico e de estudos realizados, agrupando pesquisadores de várias áreas do país que trabalham em torno de uma mesma temática, dentro da área educacional.
- Conferência da UNESP de Assis, sobre pré-escolas e creches, realizada em 28 de maio de 1982.
- Assessoria a dois grupos de trabalho do Partido do Movimento Democrático Brasileiro, durante o ano de 1982, a saber: comissão de creches, dentro do grupo de mulheres e comissão interdisciplinar sobre a educação da criança de 0 a 6 anos. Esta assessoria envolveu levantamento de dados, preparação de documentos, exposições orais e participação em reuniões.
- Contatos e visitas realizadas em Berkeley, Califórnia, na última semana de outubro de 1982, por ocasião de uma viagem realizada por Maria Malta Campos com o auxílio da Fundação Fullbright, para participar de um Congresso sobre Educação em Stanford. Nesta semana foi realizado um encontro com a Professora Millie Almy, da UC Berkeley, que permitiu conhecer o trabalho de um grupo de informação e apoio na área de creches, visitar creches locais e levantar referências bibliográficas.

- Encontro de Pesquisadores em Educação, para discussão do tema Educação pré-escolar, organizado pela direção do INEP, em Brasília, dia 12 de agosto de 1982, com a presença do Ministro da Educação, Gen. Rubem Ludwig.

ANEXO Nº 5

MATERIAIS QUE ESTÃO SENDO PRODUZIDOS

## ANEXO Nº 5.1

### Folheto aos Técnicos

O Encontro de Profissionais de Creche, realizado por uma equipe de pesquisadoras da Fundação Carlos Chagas em colaboração com uma equipe técnica da Prefeitura Municipal de Piracicaba, em junho de 1982, reuniu 50 participantes (pajens e técnicos), que representavam os diferentes tipos de creches existentes no Estado de São Paulo.

O Encontro foi inserido no projeto de pesquisa. "O que se deve saber sobre creche", com o interesse de colher dados relativos ao atendimento prestado à criança de 0 a 6 anos, no Estado de São Paulo. Outros objetivos, entretanto, deveriam ser, de alguma forma preenchidos: o de encontro, enquanto possibilidade de troca de experiências e discussão entre os participantes, dos problemas relacionados ao papel da pajem e sua situação de trabalho, além de treinamento, que oferecesse às pajens alguns elementos que pudessem orientar seu trabalho prático. Todos estes objetivos teriam, portanto, que ser levados em conta, ao se planejar a programação e mesmo toda a concepção do Encontro.

Um intenso trabalho de levantamento de informações sobre as experiências existentes em creche, feito através de inúmeras visitas e reuniões com técnicos de diversas cidades, reuniu dados que permitiram definir o temário e a forma de desenvolvê-lo no Encontro.

Os procedimentos tradicionalmente utilizados nestas ocasiões, que privilegiam a expressão verbal, as situações didáticas do tipo aulas, palestras e painéis, foram pouco a pouco sendo substituídos pela proposta de se criarem condições para que as pajens

pudessem realmente se colocar, enquanto pessoas e profissionais.

Partindo de alguns princípios básicos e, utilizando os recursos disponíveis, definiu-se o modelo que se julgava adequado à população alvo e aos objetivos propostos.

O que se pôde observar, na prática, foi que o trabalho transcorreu num clima de descontração, com participação ativa, motivação e interesse constantes de todos. O envolvimento de cada participante nos grupos foi muito grande, o que permitiu um trabalho muito produtivo e com resultados muito positivos.

Todos estes fatores levaram o grupo de técnicos presentes ao Encontro, a solicitar à equipe da Fundação Carlos Chagas, que elaborasse um documento que deixasse explícitos os procedimentos de preparação do Encontro, ou seja, o caminho percorrido até a definição do modelo adotado.

Para atender à esta solicitação, decidiu-se elaborar um material que pudesse servir de subsídio aos técnicos, para a multiplicação de reuniões desse tipo. Este material deverá ter como ponto de partida o Encontro de Profissionais de Creche, mas deverá permitir uma generalização que ultrapasse os limites daquele evento específico. Assim, o documento deverá conter pistas para definição de critérios que orientem o planejamento da atuação do técnico junto às pajens, bem como oferecer indicações bem práticas e concretas sobre os recursos disponíveis para a realização do seu trabalho. Deverá, ainda, estimular os técnicos à busca constante de formas alternativas de atuação, que atendam mais especificamente às peculiaridades da população por eles orientada, enfatizando a possibilidade de, algumas vezes, contornar dificuldades.

Video-Tape: Eu sou pajem

O Encontro de Profissionais da Creche foi registrado tanto pelo sistema de "Video-Tape" (temos 4 horas de gravação) quanto pelo sistema de gravador de som (discussões nos grupos). Este material registrou conteúdo muito rico pois apresenta as pajens de forma bastante ativa, criativa e questionadora quanto ao exercício de suas funções. Por outro lado, as imagens visuais colhidas são formalmente muito expressivas, causando forte impacto no espectador.

Analisando a repercussão do Encontro entre pajens e técnicas, a equipe de pesquisa considerou que este material bruto registrado poderia constituir o núcleo central de um "video-tape" (entitulado provisoriamente "Eu sou pajem"), a ser utilizado nas próprias creches ou em treinamentos, cursos, encontros sobre creches, eventos que em geral reúnem técnicos e profissionais de creche.

As principais razões que reforçaram esta opção podem ser assim arroladas:

- 1 — a existência habitual de televisão em creches;
- 2 — decodificação mais imediata da linguagem televisionada pela população de pajens, que conta com número significativo de mulheres semi-analfabetas;
- 3 — melhores recursos do veículo "video-tape", que de material impresso, na transmissão de um clima que leva à sensibilização e valorização profissional da pajem, tanto pela própria pajem quanto pelo técnico;
- 4 — custos relativamente baixos quando comparados aos de outros materiais visuais e impressos.

## Propostas do Subprojeto

- 1 — Realizar um "video-tape", com duração de 30' aproximadamente, sobre aspirações, condições de vida e de trabalho de pajens trabalhando em creches situadas no Estado de São Paulo.
  - 1.1 — O "video-tape" será gravado no sistema "caseiro" VHS que permite a adaptação ao aparelho doméstico de televisão.
  - 1.2 — O roteiro do "video-tape" terá objetivo de se constituir em estímulo para a valorização da pajem enquanto categoria profissional.
  - 1.3 — O roteiro do "video-tape" incluirá parte das gravações efetuadas durante o Encontro (visual e oral) e parte a ser filmada.
  - 1.4 — O roteiro será elaborado a partir da análise da transcrição das fitas que contém os depoimentos das pajens.
  - 1.5 — O trabalho de gravação de novas cenas e de edição será realizado em conjunto com um grupo profissional ("Olhar Eletrônico").
  - 1.6 — Será realizada uma testagem com um público variado, incluindo administradores, técnicos e pajens.
- 2 — Divulgar este "video-tape", de forma organizada, em creches e outros locais de reunião de pajens e de outros profissionais das creches. Esta divulgação será mediatizada por uma monitora.
  - 2.1 — A divulgação será feita em duas fases: a 1ª, entre técnicos de creches, na própria Fundação Carlos Chagas, em que procuraremos sensibilizá-los

para o material, verificando seu interesse, sua oportunidade e questões materiais (horário, local etc.): a 2ª na própria creche, envolvendo apenas pajens.

- 2.2 — A divulgação do "video-tape" ficará a cargo de uma monitora e de uma das pesquisadoras da equipe de creches.
- 2.3 — A projeção do "video-tape" terá por função sensibilizar as pajens sobre a similaridade da condição de vida e de trabalho da categoria e a possibilidade de discussão sobre anseios e experiências.
- 2.4 — As discussões e propostas das pajens serão registradas e posteriormente trabalhadas como material de pesquisa.
- 2.5 — Utilizaremos, para divulgação inicial, os contatos estabelecidos durante o Encontro de Profissionais da creche.
- 2.6 — O "video-tape" ficará disponível para ser emprestado sempre que solicitado, depois desta parte inicial. Tentar-se-á sua colocação junto às emissoras governamentais.

### Cronograma

- 1 — Produção do "video-tape"
  - 1.1 — Análise do material registrado até final de dezembro de 1982.
  - 1.2 — Roteiro: janeiro de 1983.
  - 1.3 — Filmagem: fevereiro de 1983.
  - 1.4 — Edição: março de 1983.

2 — Divulgação

2.1 — Entre técnicos: abril de 1983.

2.2 — Entre pajens: maio, junho, julho de 1983.

2.3 — A partir de agosto de 1983 o video-tape ficará disponível para empréstimo aos interessados.

Folheto sobre Legislação e Regulamentação

Uma das questões discutidas pelos participantes do "Encontro sobre Creches" foi o problema da legislação que rege a obrigatoriedade das empresas em proporcionar diretamente, ou através de convênios, equipamentos para a guarda, proteção e educação dos filhos da trabalhadora. Discutiu-se a necessidade de um esclarecimento da população e da trabalhadora, em particular, a fim de fazer valer os seus direitos, bem como, ter um ponto de partida para reivindicar melhorias na situação atual. As falhas mais evidentes apontadas pelos participantes referem-se ao fato de que a legislação em vigor não atinge um contingente considerável de trabalhadoras e que é omissa em relação à criança que ultrapassou o período de amamentação e que ainda não atingiu idade escolar.

Outro ponto bastante discutido foi a questão de quem é responsável pela criança de 0-6 anos no Brasil. A principal crítica é de que há atualmente uma diluição de responsabilidades dado o número de órgãos oficiais (ministérios, secretarias) encarregados de legislar, atender direta ou indiretamente através de uma ação fiscalizadora, ou complementar, à criança de 0-6 anos. Essa multiplicidade de órgãos cria uma indefinição e ao mesmo tempo uma sobreposição de funções, dificultando a identificação por parte da população de quem é responsável e pelo que é responsável, acarretando um atendimento falho a essa faixa etária da população.

Diante desta situação, os participantes do Encontro apontaram a importância de se identificar os órgãos responsáveis pela criança, medida necessária para uma ação mais frutífera por parte daqueles que estão interessados nessa faixa populacional, e também essencial para uma proposta de reformulação no atendimento dessa criança.

A discussão deste problema surgiu também em virtude de alguns participantes do Encontro considerarem inadequado o fato de o Ministério da Previdência Social e as Secretarias da Promoção cuidarem das creches e berçários, o que empresta a esses equipamentos um caráter assistencialista. Na opinião desses participantes, o Ministério da Educação deveria ter sob sua jurisdição a questão da guarda da criança pequena. Daí a necessidade de se conhecer a responsabilidade de cada um desses órgãos, as respectivas atribuições, a fim de se ter uma base para qualquer reivindicação neste sentido.

Outra questão muito debatida no Encontro, e decorrente da anterior, foi a dificuldade de obtenção de recursos por parte das entidades que cuidam da criança nesta faixa etária, principalmente no que diz respeito ao estabelecimento de convênios, dadas as exigências de documentação, características do equipamento e pessoal. A maior dificuldade se refere sobretudo à falta de informação quanto:

- 1 — aos órgãos que fazem convênios, doações, mesmo que esporádicos;
- 2 — aos locais indicados para se obter informações;
- 3 — à documentação exigida;
- 4 — à maneira e aos locais indicados para obtê-la;
- 5 — às exigências por parte dos órgãos que fazem convênios ou doações, quanto às características legais, físicas e de pessoal da entidade conveniente.

Quando se trata de uma entidade sem recursos, que não tem trânsito fácil nos órgãos oficiais e que não pode contar com uma assessoria jurídica e técnica, essas informações se tornam essenciais.

Em decorrência dessas dificuldades, os participantes propuseram à equipe organizadora do Encontro, a sistematização das in-

formações sobre a legislação que regulamenta a guarda, proteção e educação da criança de 0 a 6 anos, bem como das informações a respeito das instituições e órgãos governamentais encarregados de cuidar diretamente ou subvencionar o cuidado da criança nesta faixa etária.

O desenvolvimento desta tarefa, já iniciada prevê:

- 1 — um estudo sistemático da legislação que regulamenta a guarda, proteção e educação das crianças de 0-6 anos, e da C.L.T., na parte referente ao trabalho da mulher;
- 2 — a obtenção de informações a respeito de todos os direitos da população no que se refere à guarda, proteção e educação da criança, e da maneira de fazer valer seus direitos;
- 3 — um levantamento sistemático dos órgãos e instituições oficiais a nível federal, estadual e municipal encarregados da guarda, proteção e educação da criança; respectivas atribuições; áreas de atuação; locais onde a população pode entrar em contato com os mesmos;
- 4 — a obtenção de informações sobre todas as facilidades, vantagens e possibilidades de obter doações por parte dessas entidades, seja em espécie, seja em forma de recursos financeiros;
- 5 — um levantamento a respeito das exigências legais, físicas e/ou de pessoal que esses órgãos fazem às entidades que desejam efetuar convênios para a obtenção de recursos financeiros ou de orientação técnica, ou de ambas;
- 6 — o acompanhamento de todas as fases do processo de organização credenciamento e obtenção de apoio técnico

e/ou financeiro de um grupo empenhado em formar uma entidade para a guarda, proteção e educação da criança na faixa de 0-6 anos.

Essa tarefa está se realizando no presente momento, através:

- 1 — de uma consulta a todas as publicações, inclusive jornais que possam esclarecer a respeito dos órgãos responsáveis pelas crianças de 0-6 anos;
- 2 — de visitas e entrevistas com pessoas que trabalham nos órgãos oficiais que prestam serviços a esta faixa populacional;
- 3 — de um levantamento sistemático da legislação a respeito dos direitos da mulher trabalhadora no que se refere à guarda, proteção e educação dos seus filhos, e da legislação que regulamenta a responsabilidade dos órgãos oficiais (federais, estaduais e municipais) para esta faixa da população. Para o estudo dessa legislação, pretende-se contar com assessoria de especialistas na área.

Estes conteúdos serão utilizados para compor um folheto, cuja forma final dependerá das informações colhidas e do público a que se destina.